

A Decolonialidade e o Ensino das Ciências na Vivência da Unidade Curricular: Saúde e Tradição numa escola de Pernambuco

Rita Patrícia Almeida de Oliveira ¹

RESUMO

Este estudo é uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e etnográfica, que trata a respeito da vivência de atividades pedagógicas voltadas a questão do Ensino das Ciências e a decolonialidade, com o objetivo de analisar os principais aspectos referentes à saúde, à doença, à cultura, tradição, os hábitos e a história dos povos originários, reconhecendo seu valor e apresentando aprofundamentos teóricos na Unidade Curricular -UC de Saúde e Tradição, apresentando metodologias diversas como: o Círculo de Cultura de Paulo Freire e também a vivência de Metodologias ativas como a gamificação e o Host (anfitrião) atividade de estudo de caso. Esse estudo foi realizado com 80 estudantes do Ensino Médio de uma Escola Técnica Estadual situada na Cidade de Olinda-PE. A partir das principais ideias do grupo Modernidade-colonialidade composta por autores como Maldonado Torres, Catarine Walsh, Miolo e Quijano, assim foi possível trazer olhares decoloniais para essa discussão. Os resultados alcançados indicaram que os estudantes apresentam o conhecimento “cartilhado” na qual, trazem em suas narrativas os estereótipos culturalmente herdados pelo conhecimento eurocêntrico, que traz a história e olhares contada pelos colonizadores. A partir da vivência desta UC, os estudantes conseguiram romper com diversos paradigmas, apresentando reflexões significativas para suas vivências e mudanças de hábitos dentro da perspectiva da Educação étnico-racial e da área do Ensino das Ciências.

Palavras-chave: Ensino das Ciências; Decolonialidade; Práticas Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

A decolonialidade tem se tornado um tema cada vez mais relevante no campo da educação. A colonialidade refere-se aos efeitos duradouros do colonialismo na sociedade contemporânea e tem sido apontada como uma das principais barreiras para uma educação mais justa e igualitária. Já a decolonialidade se apresenta como forma de resistência e (re)construção de uma sociedade livre do racismo e preconceito.

No contexto da educação e em relação a Nova Base Curricular Comum – BNCC (2017) e ao Novo Ensino Médio – NEM (2018), que oferta Itinerários Formativos na qual apresenta Trilhas que são compostas por diversas Unidades Curriculares - UC a serem vivenciadas pelos professores e estudantes das Escolas de Ensino Médio, é que tivemos a preocupação de planejar atividades pedagógicas que fossem exitosas e relevantes, mas que também nos mostrasse as dificuldades, as impossibilidades e os entraves no decorrer do nosso caminho pedagógico, em relação a reflexão a respeito da decolonialidade.

¹ Pós-Doc em Ensino das Ciências pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, PE, ritapatricia.prof@gmail.com

A escola é, com certeza um lugar privilegiado em nossa sociedade. É esse o espaço que, de acordo com a legislação brasileira, todas as crianças e jovens, de todo país, devem frequentar diariamente (Brasil, 2017). Contudo, a escola brasileira, carrega a herança de nosso passado colonial, que prioriza a cultura e o conhecimento de povos dominantes a outros povos e culturas que se expressavam de forma diferentes que até hoje não são legitimados. Assim, nem sempre a escola, valoriza as culturas de povos tradicionais e os saberes que advem desses povos, revelando a violência na qual a escola brasileira hegemônica, hierarquizou e inviabilizou conhecimentos e sujeitos. Todavia, esse processo de deslegitimação de “outros” saberes, para além do saberes eurocêntricos, feito pela escola, sofreu resistências de coletivos que se sentiram excluídos desse processo, bem como denúncias de educadores, como Paulo Freire, que, com sua obra *Pedagogia do Oprimido* e muitas outras, revelou a violência de uma educação bancária que “coisificava” sujeitos e anulava sua voz e seus saberes.

Então, que heranças são essas? Que movimentos são esses? Reconhecendo que a expressão 'colonialidade' foi cunhada por um grupo de intelectuais latino-americanos, entre eles, Aníbal Quijano, que faz parte do coletivo denominado *Modernidade/Colonialidade (M/C)*, foco de nossos estudos nesse artigo.

O M/C, entre outras coisas, atualiza a tradição crítica de pensamento latino-americano, oferece releituras históricas e problemáticas velhas e novas questões para o continente. Defende uma 'opção decolonial' - epistêmica, teórica e política - para compreender e atuar no mundo, marcada pela permanência da colonialidade global nos diferentes níveis da vida pessoal e coletiva. (2013, p.13). Assim a expressão 'decolonial' é utilizada no âmbito deste coletivo, portanto, em referência a um conjunto de abordagens teóricas que surge no final dos anos 1970 e início da década de 1980 e que denunciam processos de opressão diversas” (Dussel, 1993, p.90) gerados pela “dominação de uma raça sobre a outra” (Ibidem, p.19)

Este grupo e alguns outros trazem em suas pesquisas e trabalhos, denúncia aos processos de colonização protagonizados pela Europa e às consequências para a histórica e a atual configuração do sistema-mundo que aqui podemos apontar como os dualismos: cultos vs. incivilizados; modernos vs. em estado de natureza, ou citando os termos de Boaventura de Souza Santos, em Norte vs. Sul global.

O domínio europeu sobre os demais povos pode ser analisado a partir de diversos aspectos: (QUIJANO, 2005, p.122), de modo a naturalizar a subjugação de muitas raças ou povos ao domínio europeu. Trata-se, portanto, da atribuição das diferenças existentes entre “Europa e não Europa como diferenças de natureza (racial) e não de história do poder”.

Podemos apresentar três dimensões da colonialidade resultantes dos processos de colonização historicamente vivenciados por povos que forma subalternizados. A primeira delas diz respeito à colonialidade do poder e “é entendida como um padrão de poder global de relações de dominação /exploração / confronto em torno do trabalho, da naturalidade, do sexo, da subjetividade e da autoridade” (CUNHA, 2010, p. 131). A outra diz respeito à colonialidade do ser e a outra é a colonialidade do saber, onde produção de conhecimento nas quais a filosofia e as ciências ocidentais operam como os paradigmas que subalternizam outras modalidades de conhecimento. Assim, no Brasil, observa-se a persistência da colonialidade ainda na atualidade. Assim, uma abordagem econômica de tal herança seria tão relevante quanto um debate sobre suas influências culturais. Para os fins deste estudo, entretanto, parece propício destinar uma maior atenção para a persistência colonial no campo do saber, mais especificamente, na educação formal, inclusiva para a área de Ensino das Ciências, onde podemos abrir inúmeras possibilidades de discurso.

No campo da educação escolar, os Movimentos começam a 'ocupar' escolas, inclusive na proposta do currículo do Novo Ensino Médio(2018), repensando práticas hierarquizadas, e a estrutura autoritária. A escola recoloca o debate da humanização das práticas e propõem novas formas de construir a instituição escolar, como espaço de cultura viva ligado ao território e controlado pelos sujeitos que dela fazem parte.

Assim no ano de 2023 ministramos uma Unidade Curricular - UC, numa Escola Técnica Estadual – ETE da área de saúde, nos cursos técnicos de Farmácia e Nutrição e Dietética, esta escola está localizada na cidade de Olinda, no estado de Pernambuco. A UC a qual nos referimos é intitulada de: Saúde e Tradição e tem como temática a Saúde e tradição dos povos Originários. Detalhe interessante é que a idealização desta UC, foi elaborada por nós quando Técnica de Educação da Gerência do Ensino Médio da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco no ano de 2018 e hoje estamos aplicando no chão da escola.

Então nossos objetivos com esse estudo foi, de analisar os principais aspectos referentes aos conteúdos de saúde, doença, cultura, hábitos, história e ciência dos povos originários. Como também reconhecer aspectos do processo de colonização, colonialismo e decolonialidade dos povos originários e tradicionais; Caracterizar saúde e doença desses povos; identificar práticas de saúde e ciências referentes aos povos em questão e reconhecer a legislação que ampara ou não esses povos.

Esse estudo se justifica pela necessidade de apresentar, (re)conhecer e discutir a respeito dos povos originários dentro da escola, a questão da Educação Etnico-racial para a vida, as

questões de saúde, doenças, tradição, cultura, valorização e práticas destes povos dentro de uma visão decolonial.

Para vivenciar essa UC na escola e trazer para os estudantes questões realmente relevantes e que possibilitasse reflexões e debates, é que elaboramos um planejamento que apresentou diversas Metodologias como o Círculo de Cultura de Paulo Freire e Metodologias Ativas e ações pedagógicas que foram elaboradas e construídas a partir dos estudos e aprofundamentos dos estudantes.

METODOLOGIA

Esse estudo tem caráter qualitativo e é uma pesquisa etnográfica, que envolveu duas turmas da Unidade Curricular: Saúde e Tradição. As turmas tinham estudantes dos cursos de Farmácia e Nutrição e Dietética. Participaram desse estudo uma média de 80 estudantes de uma Escola Técnica Estadual de Ensino Médio, situada no Bairro de Rio Doce, na Cidade de Olinda-PE. Em relação aos nossos Procedimentos Metodológicos utilizamos o Círculo de Cultura de Paulo Freire, como também algumas Metodologias Ativas, como Gameificação, Host e atividades práticas, como elaboração de cartazes, desenhos artísticos, elaboração de cartilhas informativas em forma de quadrinhos e uma culminância que teve como objetivo finalizar a disciplina através da apresentação de plantas da horta da escola, feira de saúde dos povos originários, apresentação de brinquedos e brincadeiras dos povos originários, apresentação cultural, com músicas e danças.

A primeira atividade aplicada foi o Círculo de Cultura de Freire que é um método criado por Paulo Freire que parte do pressuposto da construção do conhecimento por meio do diálogo. Freire acreditava que a cultura é formada pelos seguintes elementos: Hábitos, costumes e crenças e valores morais. Aspectos esses apresentados na atividade proposta, onde buscamos de forma intencional trazer o tema dos ciganos como povos originários. Para aplicação desta metodologias apresentamos aos estudantes as seguintes características: diálogo, respeito, participação e trabalho em grupo. No Círculo de Cultura as pessoas aprendem debatendo os problemas. Então significa que essa metodologia representa um espaço privilegiado de relações interpessoais, culturais e interculturais que visam a democracia. A grande contribuição desta metodologia é que tudo pode ser questionado, debatido e que nada está acabado ou concluído.

Nessa etapa de nossa Metodologia fizemos um grande círculos na sala de aula com os estudantes e apresentamos um leque como instrumento de fala, ou seja, quem estava em poder do leque estava com a vez da fala e os outros estudantes não podiam atrapalhar, mas podia

solicitar sua vez de falar... Trouxemos a temática dos ciganos como povos originários e também como os “excluídos dos excluídos”. Apresentamos um pouco da história, cultura, hábitos e dificuldades dos povos ciganos. Também trouxemos figuras e debatemos os estereótipos apresentados em filmes da Disney, por exemplo, onde eles citaram a cigana Esmeralda. Através dos Debates, reflexões e trocas foi possível desmistificar a imagem dos ciganos, historicamente construída, e (re)construir a imagem desse povo a partir do reconhecimento de sua história e cultura.

Utilizamos também a Metodologia Ativa – Host (anfitrião), onde realizamos a seguinte ação: 1. Organizamos os estudantes em grupos e organizamos os estudantes que seriam os anfitriões, ou seja, esses estudantes ficaram fixos, enquanto os outros revezavam em ir para os grupos. Foi dado o tempo para os estudantes e os mesmos tinham que ler e apresentar a situação problema e os estudantes tinham que elaborar um pequeno texto argumentativo a respeito da questão proposta na primeira questão. 2. Depois no segundo momento, os estudantes mudavam de grupos e tinham que aprofundar a primeira questão e responder a segunda. 3. Depois eles tinham que aprofundar a primeira e segunda questão e responder a terceira. 4. No quarto momento eles leram e discutiram as produções e no final disseram como os anfitriões se saíram como líderes e a atuação do grupo como pessoas participativas e capazes de discutir de forma reflexiva a temática. No caso ainda os povos ciganos.

A primeira questão foi: Se você fosse um senador da república, o que você faria para mudar a triste realidade dos povos ciganos?

A segunda questão foi: Em 2006, o presidente Lula sancionou um decreto criando o Dia Nacional do Cigano. Naturalmente todo o dia é dia da comunidade cigana, mas ter uma data nacional é importante para que o poder público, a sociedade civil, os ciganos, rw

Na terceira etapa da Metodologia, utilizamos a Metodologia Ativa da gamificação. A gamificação na educação é um método de ensino que faz uso dos elementos de jogos para gerar conhecimento nos alunos; A ideia é fazer com que os estudantes, por meio de elementos que fazem parte dos jogos, possam aprender algum assunto. Utilizamos o jogo da trilha e foi possível apresentar elementos como a criação de competições, a conquista de níveis ou pontos, a resolução de desafios e a atribuição de recompensas. O jogo ofereceu mais dinamismo na aprendizagem porque ele utiliza elementos e linguagem específicos do jogo o que tornou o processo de aprendizado mais interativo e envolvente para os alunos. A temática deste jogo foi os povos indígenas e especificamente a tribo Yanomami. No final do jogo os estudantes pesquisaram sobre as roupas e as pinturas que os índios pintavam em sua pele, destacando as

questões de fertilidade, rituais, casamentos, nascimentos e mortes. Além da representação do cotidiano e as questões de ancestralidade.

Assim com a utilização da gameificação, em vez de algo monótono e tradicional, essa metodologia incentiva o engajamento a partir de algo que chama atenção dos alunos. Enquanto as tarefas pedagógicas são vistas apenas como obrigações, os jogos quebram essa percepção e transformam a rotina. Portanto, nosso objetivo com a escolha desta Metodologia era dinamizar a aula e prender a atenção dos estudantes.

Figura 2 – GAMEIFICAÇÃO A PARTIR DE TRILHAS COM A TEMÁTICA -
POVOS INDÍGENAS



Fonte: A autora,2023.

No quarto momento da Metodologia os estudantes tinham que fazer pesquisas das plantas presentes na Horta da escola e reconhecer quais deles foram trazidas e cultivadas pelos povos originários e tradicionais e a importância delas para a promoção da saúde e os tratamentos de doenças.

Durante todo o semestre outros povos foram trabalhados com os estudantes, como os ribeirinhos, os sertanejos e os povos de religião de Matriz Africana essas produções foram realizadas em forma de palestras e oficinas e no final os estudantes deveriam apresentar suas produções a comunidade escolar na culminância da UC.

Figura 2. Ações de Culminância da Unidade Curricular: Saúde e Tradição



Fonte: Autora,2023.

Figura 3 – Culminância da UC com apresentação de produções artísticas: desenhos, cartazes de protesto e denúncia contra a violência aos povos originários e tradicionais



Fonte: Autora,2023.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando aplicamos metodologias como o Círculo de Cultura de Paulo Freire, observamos as seguintes questões: Em suas narrativas constatamos que os estudantes chegavam a não saber da existência dos ciganos, ou não sabiam o que era um cigano. Ficaram surpresos em saber porque os ciganos eram considerados os povos “excluídos dos excluídos”. Os que sabiam o que era um cigano em muitos momentos citavam características estereotipadas como a cigana “Esmeralda da Disney”, ou não entendiam a relação dos ciganos com o sagrado em e a prática da quiromancia – Leitura de mãos. Foi desmistificada a questão dos ciganos como ladrões,enganadores. Reconheceram a questão da herança musical e em relação as danças típicas destes povos, como dança cigana. Os estudantes tiveram a oportunidade, a partir de levantamento de artigos científicos, de pesquisar a respeito da saúde dos povos ciganos e destacaram a questão de que muitos ciganos não eram atendidos nos postos de saúde por não terem um CEP, o que culminava na morte dos ciganos por falta de atendimento médico. Falamos também sobre o anticiganismo ou Romafobia.

Em relação aos indígenas, os principais aspectos trabalhados na Metodologia ativa de gamificação, a partir da trilha e das perguntas foram as percepções do tipo: A afirmação dos indígenas serem os primeiros povos que habitavam o Brasil; que existe um Estatuto do Índio, eles não sabiam que o estado deve proteger as manifestações culturais, populares. Quando especificamos o game para questões relativas para a Tribo Yanomami, eles não tinham ideia que 8.350 mil indígenas tinham sido mortos em massacres e tiveram suas terras subtraídas. Poucos sabiam a respeito dos efeitos maléficos do garimpo ilegal e ficaram consternado com

as condições de inanição, malária e água envenenada pelo chumbo dos garimpos. Em relação aos quilombolas, a primeira questão, era trabalhar algumas expressões negativas em relação a população afro dentro das narrativas dos colonizadores e do racismo estrutural, então observamos que a primeira expressão trabalhada foi do povo “escravo” ou negro. Eles entenderam que os afrodescendentes na verdade descendiam de povos afriacanos sequestrados de seu continente e escravizados em outro. A partir daí, a discussão era sobre as questões de castigos, tortura e vida desumana na qual esses povos eram submetidos. Outros aspectos que enfocamos no jogo, foram a respeito de personalidade famosas e importantes na história que são descendentes de pessoas afro como: Nelson Mandela, Martin Luther king, Rosa Parks, Bob Marley, Ângela Davis, Zumbi dos Palmares, Aleijadinho, Tereza de Benquela, Nilo Peçanha, Ruth de Souza, Mãe menininha do Gantois, entre outros. Além de fazer questionamentos sobre os aspectos culturais e artísticos e em relação a saúde de todos esses povos aqui descritos.

Em relação a pesquisa bibliográfica e apresentada na culminância dos projetos na feira de saúde, consideramos todas as doenças específicas evidenciadas que acometem os povos originários. Eles fizeram a pesquisa e o objetivo era realizar orientações de acordo com a legislação que ampara os povos, como também esclarecer a comunidade escolar a respeito das principais doenças que estão presentes no dia a dia, destes povos, foram apresentados as evidências científicas bem consolidadas de serem mais freqüentes na população negra brasileira em decorrência de fatores étnicos as seguintes comorbidades: anemia falciforme, deficiência de 6-glicose-fosfato-desidrogenase, hipertensão arterial, doença hipertensiva específica da gravidez e diabetes. A população indígena são sensíveis às enfermidades trazidas por não-índigenas, principalmente os que habitam regiões remotas e de difícil acesso, eles são vítimas de doenças como malária, tuberculose, infecções respiratórias, hepatite, doenças sexualmente transmissíveis, entre outras. Em relação ao povo cigano, observa-se em relação a doenças que os acometem: a respiratória e o câncer, pois o uso do cigarro é muito forte e tem a ver com a questão do tabagismo, pois ciganos enxergavam o tabagismo como parte da sua identidade étnica e individual. Nesse caso, evidenciou-se o forte componente étnico-cultural que determinou um comportamento, incidindo na situação de saúde do povo daquela região. Os determinantes sociais de saúde dos ciganos tem a ver com fatores sociais, econômicos, culturais e étnico/raciais que influenciam a ocorrências de agravos e seus fatores de risco de saúde na população. Nesse sentido, desigualdades sociais geram padrões diferenciados no modo de viver e em relação a saúde, viver, adoecer e morrer, determinam distribuição desigual de fatores de exposição, acesso a bens e a serviços de saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizamos este estudo apresentando algumas considerações importantes a respeito da percepção em relação aos povos originários. Em primeiro lugar quando iniciamos a apresentação sobre a temática decolonialidade e colonialidade, os estudantes acharam interessante o conceito de decolonialidade como forma de resistência as ideias coloniais. Como também fizeram várias observações a respeito da classificação da colonialidade do poder, do ser e do saber, de acordo com os autores (M/C), onde fizeram diversas analogias de como esses aspectos se configura no cotidiano.

Um ponto muito importante foi a forma de como o estudante se via no inicio desta UC e depois como ele passou a se ver e ver o outro, como no caso do bullying sofrido por alguns estudantes participantes da religião de Matriz Africana, que sofriam discriminação por alunos de outros segmentos religiosos. E que após apresentar os fundamentos de sua religião deixou de ser alvo de perseguições por questões religiosas. Muitos estudantes nem mesmo percebiam que sofriam racismo e ficaram até surpresos em relação aos aspectos da colonização e o racismo estrutural.

Além disso, percebemos a importância de socializar as produções que foram planejadas, elaboradas e confeccionadas pelos estudantes, além do que propiciar a eles diversas formas históricas, culturais – artísticas e científicas de apresentação na culminância.

Por fim, terminamos essa UC com apresentações das diversas temáticas que foram estudadas na UC e a ideia era esclarecer e informar de forma lúdica a comunidade escolar sobre os principais aspectos referentes aos povos originarios, sua cultura, ciência, a legislação, as expressões artísticas e denunciar o que vem acontecendo historicamente com esses povos ao longo do tempo.

Desta forma, alcançamos os nossos objetivos com ações pedagógicas realizadas e as metodologias que foram por eleitas, pois a partir dos caminhos didáticos-pedagógicos que escollhemos, foi possível oferecer aos estudantes que participaram deste estudo, formas lúdicas, científicas e artísticas na qual os mesmos se aprofundaram sobre as temáticas e em alguns aspectos modificar algumas culturas da discriminação, assédio e bullying na escola.]

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional da Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001. **Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica.**

Diário Oficial da União, Brasília, 14 de setembro de 2001. Seção IE, p. 39-40. Disponível em:
< <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em: 06 fev. 2020.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular – Ensino Médio. Brasília, 2018.

CUNHA, Eliaquim Timóteo da. Em busca da vida de índio: Um estudo sobre as mudanças sociais pensadas pelo grupo Cassupá em Rondônia. Apresentação de trabalho na 29ª RBA (Reunião Brasileira de Antropologia), 2014.

DUSSEL, Enrique. O encobrimento do outro: A Origem do Mito da Modernidade. Petrópolis: Vozes, 1993.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Saber, eurocentrismo e América Latina. Buenos Aires: Clacso, 2005.

MIGNOLO, Walter D. La Idea de América Latina: La Herida Colonial y la opción decolonial. Barcelona: Gedisa Editorial, 2007.

_____. Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Argentina: Ediciones del signo, 2010.

Ministério da Educação. Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Ciências da Natureza, códigos e suas tecnologias. Brasília, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência para um novo senso comum. A ciência, o direito e a política de transição paradigmática. São Paulo: Cortez, 2000.

WALSH, Catherine. Sobre el género y su modo muy otro. In ACOSTA, Alberto. Alternativas descoloniales al capitalismo colonial. Buenos Aires: Del Signo, 2015.

_____. Interculturalidad, Estado, Sociedad. Luchas (de)coloniales de nuestra época. Quito: Abya Yala, 2009.

_____. La Educación intercultural en la educación. Peru: Ministério de Educación. (Documento de trabalho), 2001